

## PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: TRAMAS, ARTICULAÇÕES E MOVIMENTOS DE UM PENSAMENTO POLÍTICO E PEDAGÓGICO REVOLUCIONÁRIO

PITANO, Sandro de Castro \*

STRECK, Danilo Romeu \*\*

MORETTI, Cheron Zanini \*\*\*

### RESUMO

Buscando compreender as tramas, as articulações e os movimentos do pensamento político e pedagógico de Paulo Freire, realizamos a leitura, o fichamento e a análise de 32 obras publicadas em português, no Brasil, a partir de sua organização em cinco períodos específicos. Neste artigo, apresentamos um recorte que tem como foco a identificação do conjunto de referências com as quais Paulo Freire trama a sistematização de sua obra mais importante: *Pedagogia do oprimido*. Para tanto, apresentamos os resultados em dois momentos complementares: o da identificação e apresentação do conjunto de tramas e dos movimentos de/entre autores e autoras presentes nos três primeiros escritos de Freire; e o da exploração das articulações teóricas presentes especificamente na *Pedagogia do oprimido*, onde se busca compreender de que forma elas convergem para a sua elaboração. Ao mesmo tempo, buscamos compreender o impacto das novas referências teóricas introduzidas, cuja articulação demarca uma guinada crítica radical na obra freireana, caracterizando-a como revolucionária. Concluímos que esse exercício comparativo entre as articulações encontradas nas obras *Educação e atualidade brasileira*, juntamente com *Educação como prática da liberdade* e *Pedagogia do oprimido* explicita um movimento de adensamento teórico, marcado pela transição dialética de sua base de referências. O exercício expõe o conjunto de referências com as quais esse educador brasileiro inicia seus escritos, seu adensamento da primeira para a segunda obra, e amplia de tal forma que é possível conceber uma proposta política e pedagógica radicalmente comprometida com a transformação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pedagogia do Oprimido. Paulo Freire. Trama Teórica.

\* Doutor em Educação, professor do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: [scpitano@gmail.com](mailto:scpitano@gmail.com)

\*\* Doutor em Fundamentos Filosóficos da Educação. Professor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo – RS. E-mail: [streckdr@gmail.com](mailto:streckdr@gmail.com)

\*\*\* Doutora em Educação. Professora e Pesquisadora do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISC. E-mail: [cheron@unisc.br](mailto:cheron@unisc.br)

=====

*PEDAGOGY OF THE OPPRESSED: WEFTS, ARTICULATIONS AND MOVEMENTS OF A  
POLITICAL AND PEDAGOGICAL THINKING*

**PITANO, Sandro de Castro**\*

**STRECK, Danilo Romeu**\*\*

**MORETTI, Cheron Zanini**\*\*\*

**ABSTRACT**

*In the search for understanding the wefts, articulations and movements of Paulo Freire's political and pedagogical thought, we carried out the reading, indexing and analysis of 32 books published in Portuguese, in Brazil, organized in five specific periods. In this article, we present a piece of this research that has as focus the identification of the set of references that Paulo Freire uses to construct the systematization of his most important book: *Pedagogy of the Oppressed*. For this purpose, we present the results in two complementary moments: The identification and presentation of the set of wefts and movements of/between authors who figure in the first three books of Freire, and the analysis of theoretical articulations that can be found specifically in *Pedagogy of the Oppressed*, where we try to understand the ways they converge in the elaboration of his theory. At the same time, there is an attempt to understand the impact of new theoretical references introduced in this book, and which mark a radical critical turn in Freirean thought, characterizing it as revolutionary. We conclude that this comparative exercise between theoretical articulations found in the books *Education and Brazilian reality*, together with *Education as Practice of Freedom*, and *Pedagogy of the Oppressed* reveal a movement of theoretical consolidation, marked by a dialectical transition in his basic references. The present exercise identifies the set of references that the author uses in his first writings, his increasing theoretical consistency comparing the first and second book, which later acquires a broader scope in the form of a political and pedagogical proposal radically committed to transformation.*

**KEY WORDS:** *Pedagogy of the Oppressed. Paulo Freire. Theoretical Wefts.*

---

\* PhD in Education, professor at the Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas. E-mail: [scpitano@gmail.com](mailto:scpitano@gmail.com)

\*\* Ph.D. in Philosophical Foundations of Education. Professor at the University of Vale dos Sinos River, São Leopoldo - RS. E-mail: [streckdr@gmail.com](mailto:streckdr@gmail.com)

\*\*\* PhD in Education. Professor and Researcher of the Department of Education and the Post-Graduation Program in Education of UNISC. E-mail: [cheron@unisc.br](mailto:cheron@unisc.br)

## 1 INTRODUÇÃO

Ao completar 50 anos, o livro *Pedagogia do oprimido* deve ser situado tanto na trajetória do seu autor quanto do contexto histórico no qual foi escrito. Paulo Freire (1919-1997) inicia o seu trabalho educativo na década de 1940 e cronologicamente este é o seu terceiro livro, sendo o primeiro *Educação e atualidade brasileira* (1959) e o segundo *Educação como prática da liberdade* (1967). Podemos considerar que esses dois primeiros livros retratam o momento de “trânsito” das ideias de Paulo Freire, junto com muitos outros intelectuais da época, especialmente aqueles vinculados ao Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), sobre a educação. Em um contexto histórico no qual se antecipavam muitas mudanças por meio da participação do povo, a cultura popular e a política eram relações imprescindíveis para a libertação por meio da educação<sup>1</sup>.

O Programa Nacional de Alfabetização do qual Paulo Freire foi nomeado coordenador geral pelo Presidente João Goulart tinha o objetivo de promover o acesso ao voto a uma enorme parcela de adultos analfabetos e de inseri-los no novo mercado de trabalho. O golpe civil-militar de 1964 significou a ruptura com este processo no Brasil e Freire, assim como muitos outros intelectuais, foi obrigado para o exílio. Depois de uma breve passagem pela Bolívia, o educador brasileiro chegou ao Chile – onde encontrou terreno fértil para continuar pondo em prática as suas ideias, além de aprofundar e ampliar o caráter revolucionário da ação educativa, no sentido da radicalidade necessária para as mudanças.

Temos hoje uma profusão de estudos que buscam a relação de Paulo Freire com autores como Marx, Habermas, Mounier, Dewey, Rousseau, também com o cristianismo, entre muitos outros. A *Pedagogia do oprimido* é um dos melhores lugares para identificar as fontes teóricas e epistemológicas de Freire. E elas são abundantes, indo de Friedrich Hegel a Martin Buber, de Reinhold Niebuhr a Mao Tsé Tung, de Erich Fromm a Martin Luther King. Esse pluralismo teórico, no entanto, nada tem a ver com diletantismo, como muitas vezes se supõe. Isso foi muito bem captado pelo prefaciador do livro na versão inglesa, Richard Shaull (1972), um teólogo presbiteriano, professor no Princeton Theological Seminary, com importante passagem pela Colômbia e pelo Brasil, e um dos precursores da Teologia da Libertação. Segundo este teólogo, Freire usou os *insights* desses homens para desenvolver uma perspectiva educacional que é autenticamente sua e que procura responder aos desafios concretos da realidade latino-

=====

americana. Por mais que se tente, é muito difícil enquadrá-lo teoricamente, ainda que se identifique uma coerência entre a teoria e a prática na educação para a libertação. Uma das grandes lições que ele deixou foi exatamente a de lidar com nossas referências, ao mesmo tempo, com seriedade e leveza.

Nas cinco décadas transcorridas desde a publicação, *Pedagogia do oprimido* correu o mundo e está traduzido em algumas dezenas de idiomas. Paulo Freire figura entre os intelectuais brasileiros e latino-americanos mais reconhecidos e citados no exterior e essa obra ocupa um lugar especial nesse reconhecimento. No entanto, seria demais esperar que um livro ou uma proposta pedagógica tivesse o poder de transformar a educação como num “passe de mágica”. Freire tampouco tinha essa ilusão, reconhecendo que estando a educação imbricada na sociedade em que se realiza, ela sozinha não tem o poder de transformar essa realidade, mas ao mesmo tempo acentuava que sem a educação não haverá verdadeira mudança. Além disso, a “pedagogia do oprimido” é apropriada de formas diferentes em cada contexto.

Por exemplo, em alguns lugares Paulo Freire é uma referência em termos de metodologia de pesquisa. Isso vale tanto para várias vertentes da pesquisa-ação na Europa quanto para a pesquisa participante e a sistematização de experiência na América Latina. Ou seja, fundamenta-se nele a ideia de produzir o conhecimento com o outro como um sujeito que é capaz e não objeto a ser “conhecido” por *experts*. Em termos pedagógicos, Paulo Freire é referência obrigatória na educação popular, que valoriza os saberes da prática e assume a não neutralidade da educação. É uma proposta pedagógica que se recria nos movimentos sociais, nas escolas e também em Organizações Não Governamentais (ONG), sempre que se busca produzir conhecimento de forma dialógica para, como diria ele, tornar o mundo “menos feio”. Isso evidentemente não é visto como “avanço” por todos. Pelo contrário, em tempos de avaliações em larga escala que medem a todos com a mesma régua e de ranqueamentos de toda ordem, vê-se um revigoramento de práticas bancárias, muitas vezes postadas em modernas plataformas digitais e comercializadas como qualquer outro produto mercadológico.

Em um estudo em andamento em nosso Grupo de Pesquisa identificamos um total de mais de 500 referências articuladas no conjunto das obras de Paulo Freire, incluindo gente simples do povo e de movimentos sociais, cuja influência não pode ser menosprezada em sua reflexão. Pelo contrário, esses saberes e essas práticas podem ser considerados o motor da teoria

pedagógica freireana. E a partir dos desafios da prática ele vai ao marxismo, ao existencialismo, ao personalismo, ao pragmatismo da Escola Nova e outros “ismos” – se assim o quisermos – e não o caminho inverso, ou seja, no sentido de enquadrar a realidade em um esquema teórico.

A leitura e o fichamento da obra de Paulo Freire foi parte da pesquisa “Articulações teóricas e metodológicas do pensamento de Paulo Freire: diálogos explícitos, implícitos e possíveis”. A partir desse projeto foi reunido um conjunto de informações sobre a presença, as articulações e tramas de autores e autoras (recorrência e conteúdo) como parte importante da/na formação do pensamento pedagógico desse educador. Para tanto, 32 obras publicadas em língua portuguesa, no Brasil, foram lidas e organizadas em cinco períodos: 1) até 1964, antes do Golpe Civil-Militar; 2) até 1980, no período de exílio; 3) pós-1980, retorno do exílio – obras dialogadas; 4) escritos pós-experiência de gestão na Secretaria Municipal de Educação, em São Paulo (SME-SP); e, 5) obras organizadas, póstumas. Dessa forma, pudemos acompanhar o “movimento intelectual” de Paulo Freire. Nesse artigo, apresentamos apenas um recorte dessa exploração biobibliográfica, tomando como foco as três primeiras obras de referência, antes e durante o período de exílio, portanto.

Assim, amparando-nos nessa pesquisa, temos como um dos objetivos adentrar no quadro teórico da *Pedagogia do oprimido*, buscando compreender aquilo que chamamos de “arqueologia”<sup>2</sup> como sendo um trabalho de uma escavação para desvelar a formação do pensamento pedagógico e político de Freire. As principais questões orientadoras dizem respeito a identificar o conjunto de referências com as quais Paulo Freire articula na sistematização da sua obra, aprofundando o entendimento sobre as características desse movimento de ideias que lhe possibilitou a elaboração de seu mais importante livro.

O artigo está estruturado em dois momentos complementares. No primeiro, procuramos identificar todo o conjunto de articulações compostas, principalmente, por referências teóricas presentes nos três primeiros escritos de Freire. Buscamos compreender o processo de elaboração intelectual do autor como um movimento de adensamento teórico, marcado pela transição dialética de sua base de referências. Empreendemos um exercício comparativo entre as articulações encontradas nas obras *Educação e atualidade brasileira*, juntamente com *Educação como prática da liberdade*, e *Pedagogia do oprimido*. Esse exercício expõe o conjunto de referências com as quais Freire inicia seus escritos, seu adensamento da primeira para a segunda obra, culminando com uma verdadeira transformação em *Pedagogia do*

=====

*oprimido*. No segundo momento são exploradas articulações teóricas presentes especificamente na *Pedagogia* e se busca compreender de que forma elas convergem para a sua elaboração. Ao mesmo tempo, almeja-se compreender o impacto dessas novas referências teóricas, cuja articulação demarca uma guinada crítica radical na obra freireana, caracterizando-a como revolucionária.

## 2 ARTICULAÇÕES TEÓRICAS E MOVIMENTO INTELLECTUAL DA/NA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

A *Pedagogia do oprimido*, que completa cinquenta anos, marca o protagonismo do sujeito que busca mudanças na construção de sua pedagogia, afirmando-a como revolucionária. Por isso, nesse livro são encontradas referências teóricas de distintas vertentes que, se não forem interpretadas a partir da concretude da existência, sugerem um diletantismo teórico. No referido caso, a rigorosidade não se assenta no enquadramento ao dogma de uma teoria ou a uma disciplina, mas nas exigências da prática. A advertência é importante para que se perceba o caráter parcial que esta análise compreende, envolvendo somente o estudo teórico das referências presentes na obra.

O artigo se insere em outros estudos desta natureza que buscam uma exploração sistemática da biografia e da produção bibliográfica de Paulo Freire. No Brasil, podem ser destacadas as obras *Paulo Freire: uma biobibliografia* (GADOTTI, 1996), *Paulo Freire: uma história de vida* (ARAÚJO FREIRE, 2006), o *Dicionário Paulo Freire* (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2018) e *Fontes do pensamento de Paulo Freire* (ROSAS, 2004). Entre as obras no exterior encontram-se os livros *Paulo Freire*, no qual Daniel Schugurensky (2011) dedica um capítulo à biografia intelectual de Paulo Freire, e *Paulo Freire's Intellectual Roots* (LAKE; KRESS, 2013).

Este estudo sobre a *Pedagogia do oprimido* foi desenvolvido com base na 17ª edição da obra no Brasil, publicada no ano de 1987 pela editora Paz e Terra. Por meio dele, foi possível identificar que Freire empreende um amplo esforço de articulação teórica, dimensionável a partir de parâmetros objetivos. No total, foram encontrados cinquenta e um nomes, envolvendo autores e autoras (referências teóricas), personalidades políticas/históricas e pessoas próximas,

incluindo familiares, como Elza, sua esposa. Também se destacam muitos interlocutores, como Ernani Maria Fiori, prefaciador da *Pedagogia do oprimido*, sobretudo no período contemporâneo à escrita, em meio ao exílio no Chile.

Listados a seguir, por ordem alfabética com a paginação na qual aparecem na obra, todos e todas contribuíram e exerceram influência na elaboração dessa *Pedagogia*: Albert Memmi (50, 137); Álvaro Vieira Pinto (56, 90); André Malraux (84); André Nicolai (107); Camilo Torres (161); Cândido Mendes (49); Dom Franic Split (140, 183); Edmund Husserl (71); Elza Freire (28); Erich Fromm (45, 46, 47, 55, 65, 66, 152); Ernani Maria Fiori (9, 77); Ernesto Che Guevara (79, 80, 161, 163, 164, 168, 169); Fidel Castro (125, 163, 169); Francisco Weffort (24, 146); Frantz Fanon (49, 161); Georg Wilhelm Friedrich Hegel (24, 35, 36, 128); Gabriel Bode (110, 111); Gajo Petrovic (134); George Lukács (39, 40, 161); Germano Guzman (161); Getúlio Vargas (147, 148); Guimarães Rosa (105); Hans Freyer (92); Herbert Marcuse (47); Jean Paul Sartre (63, 70); João XXIII (137); John Gerassi (170, 171); José Luiz Fiori (38, 111, 112); Karel Kosik (92); Karl Jaspers (67, 90); Karl Marx e Friedrich Engels (37, 38, 40, 44, 91, 127, 141); Louis Althusser (151, 157); Lucien Goldman (107, 127); Mao Tsé-Tung (85, 134); Márcio Moreira Alves (27); Maria Edy Ferreira (103); Martin Buber (165); Mikael Dufrenne (170); Padre Chenu (170, 171); Patrício Lopes (113); Paulo de Tarso (105); Paulo Freire (47, 73, 77, 102, 109, 116, 133, 154); Pierre Furter (83, 84); Regis Debret (51); Reinhold Niebuhr (66, 114, 129); Rosa Luxemburgo (27); São Gregório de Nissa (31); Simone de Beauvoir (60); Tiradentes (144); Vladimir Lenin (122); Wright Mills (105).

A inédita e expressiva presença de Karl Marx e Friedrich Engels, assim como de nomes considerados marxistas (autores, lideranças políticas e revolucionárias), faz da *Pedagogia do oprimido* um marco para a compreensão do pensamento político e pedagógico de Freire. É a partir dessa obra, a terceira escrita em ordem cronológica, que ele incorpora, explicitamente, a contribuição revolucionária radical de figuras como Albert Memmi, Erich Fromm, Camilo Torres, Che Guevara, Fidel Castro, Frantz Fanon, George Lukács, Herbert Marcuse, Karel Kosik, Louis Althusser, Lucien Goldman, Mao Tsé-Tung, Rosa Luxemburgo, Simone de Beauvoir e Vladimir Lênin. Referenciais que continuam presentes, ainda que com diferentes níveis de incidência, nos demais escritos que sucederam a *Pedagogia do oprimido*. Percebe-se que elas se mantiveram e até foram ampliadas, incluindo novos referenciais, permeando todas

as fases de produção intelectual e engajamento político de Freire, do exílio até o retorno ao Brasil, em 1980.

A análise também revela, a partir dos autores e das autoras que integram as articulações da *Pedagogia*, que houve um alargamento significativo das correntes teóricas, no âmbito da filosofia e da sociologia, principalmente, assim como no campo epistemológico. Observa-se que a visão dialética inaugura, pela primeira vez nos escritos freireanos, a presença de Hegel, cuja compreensão idealista acaba sendo articulada com a concepção materialista de Marx, especialmente no que concerne à teoria do conhecimento. Pode-se evidenciar que Freire remete essa epistemologia para o exercício de compreensão da realidade, movimento que caracteriza seu pensamento como um permanente tensionamento entre experiência e reflexão teórica. Portanto, Paulo Freire provoca um movimento de adensamento teórico em sua obra, para além da influência existencialista que marca os escritos anteriores (*Educação e atualidade brasileira* e *Educação como prática da liberdade*). Naquelas obras, as maiores presenças teóricas são de autores brasileiros, principalmente aqueles vinculados ao pensamento desenvolvimentista presente no ISEB, tais como Álvaro Vieira Pinto, Alberto Guerreiro Ramos, Hélio Jaguaribe e Gilberto Freyre, bem como dos existencialistas Gabriel Marcel e Karl Jaspers e dos personalistas Jacques Maritain e Emmanuel Mounier. Paulo Rosas (2004, p. 16) destaca em sua análise das fontes do pensamento de Paulo Freire no “período do Recife” o efervescente clima de mudança originado por movimentos progressistas e emancipatórios, especialmente em Natal e no Recife: “Movimento de Cultura Popular” (MCP), “De pé no chão também se aprende a ler” e “Campanha de Educação Popular” (CEPLAR)<sup>3</sup>. Além disso, cabe lembrar que a prática educativa de Paulo Freire está inserida em uma complexa trajetória histórica de disputas políticas e pedagógicas em torno da educação de adultos (PAIVA, 1973).

As evidências desse movimento de alargamento e adensamento teórico são claramente percebidas quando se compara o conjunto de referências presentes nas duas primeiras obras com aquelas encontradas na *Pedagogia do oprimido*. Os Quadros 1 e 2, a seguir, possibilitam visualizar e dimensionar tal processo.

**Quadro 1** – Autores/as presentes nas três primeiras obras de Paulo Freire

| Educação e atualidade brasileira (1959) | Educação como prática da liberdade (1967) | Pedagogia do oprimido (1968) |
|---|---|------------------------------|
|---|---|------------------------------|



|                            |                         |                              |
|----------------------------|-------------------------|------------------------------|
| Aderbal Jurema             | Aldous Huxley           | Albert Memmi                 |
| Aldous Huxley              | Alexys Toqueville       | Álvaro Vieira Pinto          |
| Alexis Tocqueville         | Alfred Whitehead        | André Malraux                |
| Alfred Whitehead           | Álvaro Vieira Pinto     | André Nicolai                |
| Almeida Júnior             | Anísio Teixeira         | Camilo Torres                |
| Álvaro Vieira Pinto        | Aristides Lobo          | Cândido Mendes               |
| Anacleto de Oliveira Faria | Arnold Toynbee          | Dom Franic Split             |
| Anísio Teixeira            | Auguste Saint-Hilaire   | Edmund Husserl               |
| Aristides Lobo             | Boris Pasternack        | Elza Freire                  |
| Auguste Saint-Hilaire      | Caio Prado Júnior       | Erich Fromm                  |
| Caio Prado Júnior          | Celso Beisegel          | Ernani Maria Fiori           |
| Carlos Frederico Maciel    | Celso Furtado           | Ernesto Che Guevara          |
| Djacir Menezes             | Costa Pinto             | Fidel Castro                 |
| E. L. Berlink              | E. L. Berlink           | Francisco Weffort            |
| E. S. Jonhson              | Elza Freire             | Frantz Fanon                 |
| Edward Olsen               | Emanuel Mounier         | G W Hegel                    |
| Ernesto Oliveira Júnior    | Erich Fromm             | Gabriel Bode                 |
| Faria Gois                 | Erich Kahler            | Gajo Petrovic                |
| Fernando Azevedo           | Fernando de Azevedo     | George Lukács                |
| Fernando Dénis             | Frantz Fanon            | Germano Guzman               |
| Florestan Fernandes        | Gabriel Marcel          | Getúlio Vargas               |
| Gabriel Marcel             | Gilberto Freyre         | Guimarães Rosa               |
| Geraldo Bastos Silva       | Guerreiro Ramos         | Hans Freyer                  |
| Gilberto Freyre            | Gunard Myrdal           | Herbert Marcuse              |
| Guerreiro Ramos            | Hans Freyer             | Jean Paul Sartre             |
| Hélio Jaguaribe            | ISEB                    | João XXIII                   |
| Ina Von Binzer             | Jacques Maritain        | John Gerassi                 |
| ISEB                       | Jarbas Maciel           | José Luiz Fiori              |
| J. A. Lauwerys             | João André Antonil      | Karel Kosik                  |
| Jacques Maritain           | João Maurício Rugendas  | Karl Jaspers                 |
| Jesus Belo Galvão          | João XXIII              | Karl Marx e Friedrich Engels |
| João André Antonil         | Joaquim Costa           | Louis Althusser              |
| João Maurício Rugendas     | John Dewey              | Lucien Goldman               |
| John Luccock               | Jomard Muniz de Brito   | Mao Tsé-Tung                 |
| José Artur Rios            | Karl Jaspers            | Márcio Moreira Alves         |
| Juan Mantovani             | Karl Mannheim           | Maria Edy Ferreira           |
| Karl Mannheim              | Karl Popper             | Martin Buber                 |
| Lourenço Filho             | Lourenço Filho          | Mikael Dufrenne              |
| Luís Recaséns Siches       | Odilon Ribeiro Coutinho | Padre Chenu                  |
| Manuel Iribarne            | Oliveira Viana          | Patrício Lopes               |
| Nelson Werneck Sodré       | Padre Antonio Vieira    | Paulo de Tarso               |
| Oliveira Viana             | Padre Manuel da Nóbrega | Paulo Freire                 |
| Padre Manuel da Nóbrega    | Paulo Freire            | Pierre Furter                |
| Paulo de Almeida Campos    | Peter Drucker           | Regis Debret                 |
| Paulo Frederico Maciel     | Richard Livingstone     | Reinhold Niebuhr             |
| Peter Drucker              | Roberto Moreira         | Rosa Luxemburgo              |
| Ricardo Moura              | Seymour Martin Lipset   | São Gregório de Nissa        |
| Richard Livingstone        | Simone Weil             | Simone de Beauvoir           |

=====

|                  |                   |                |
|------------------|-------------------|----------------|
| Roberto Moreira  | Thiago de Mello   | Tiradentes     |
| Roland Corbisier | Tristão de Ataíde | Vladimir Lenin |
| Simone Weill     | Viana Moog        | Wright Mills   |
| Thomas Hopkins   | William Gray      |                |
| Zevedei Barbu    | Wright Mills      |                |
|                  | Zevedei Barbu     |                |

Fonte: Organizado pelos autores (2018)

**Quadro 2** – Movimento de autores/as das duas primeiras obras para a *Pedagogia do oprimido*

| <b>Autores/as ausentes em Pedagogia do oprimido (desaparecem)</b> | <b>Autores/as presentes em Pedagogia do oprimido (se mantém)</b> | <b>Novos autores/as em Pedagogia do oprimido (aparecem)</b> |
|---|--|---|
| Aderbal Jurema  | Álvaro Vieira Pinto  | Albert Memmi  |
| Aldous Huxley   | Elza Freire  | André Malraux   |
| Alexis Tocqueville  | Erich Fromm  | André Nicolai   |
| Alfred Whitehead  | Frantz Fanon   | Cândido Mendes  |
| Almeida Júnior  | Hans Freyer  | Camilo Torres   |
| Anacleto de Oliveira Faria  | João XXIII   | Dom Franic Split  |
| Anísio Teixeira   | Karl Jaspers   | Edmund Husserl  |
| Aristides Lobo  | Paulo Freire   | Ernani Maria Fiori  |
| Arnold Toynbee  | Wright Mills   | Ernesto Che Guevara   |
| Auguste Saint-Hilaire   |  | Fidel Castro  |
| Boris Pasternack  |  | Francisco Weffort   |
| Caio Prado Júnior   |  | G W Hegel   |
| Carlos Frederico Maciel   |  | Gabriel Bode  |
| Celso Beisegel  |  | Gajo Petrovic   |
| Celso Furtado   |  | George Lukács   |
| Costa Pinto   |  | Germano Guzman  |
| Djacir Menezes  |  | Getúlio Vargas  |
| E. L. Berlink   |  | Guimarães Rosa  |
| E. S. Jonhson   |  | Herbert Marcuse   |
| Edward Olsen  |  | Jean Paul Sartre  |
| Emanuel Mounier   |  | John Gerassi  |
| Erich Kahler  |  | José Luiz Fiori   |
| Ernesto Oliveira Júnior   |  | Karel Kosik   |
| Faria Gois  |  | Karl Marx e Friedrich Engels                                |
| Fernando Azevedo  |  | Louis Althusser   |
| Fernando Dénis  |  | Lucien Goldman  |
| Florestan Fernandes   |  | Mao Tsé-Tung  |
| Gabriel Marcel  |  | Márcio Moreira Alves  |
| Geraldo Bastos Silva  |  | Maria Edy Ferreira  |
| Gilberto Freyre   |  | Martin Buber  |
| Guerreiro Ramos   |  | Mikael Dufrenne   |
| Gunard Myrdal   |  | Padre Chenu   |
| Hélio Jaguaribe   |  | Patrício Lopes  |
| Ina Von Binzer  |  | Paulo de Tarso  |

|                         |  |                       |
|-------------------------|--|-----------------------|
| ISEB                    |  | Pierre Furter         |
| J. A. Lauwerys          |  | Regis Debret          |
| Jacques Maritain        |  | Reinhold Niebuhr      |
| Jarbas Maciel           |  | Rosa Luxemburgo       |
| Jesus Belo Galvão       |  | São Gregório de Nissa |
| João André Antonil      |  | Simone de Beauvoir    |
| João Maurício Rugendas  |  | Tiradentes            |
| Joaquim Costa           |  | Vladimir Lenin        |
| John Dewey              |  |                       |
| John Luccock            |  |                       |
| Jomard Muniz de Brito   |  |                       |
| José Artur Rios         |  |                       |
| Juan Mantovani          |  |                       |
| Karl Mannheim           |  |                       |
| Karl Popper             |  |                       |
| Lourenço Filho          |  |                       |
| Luís Recaséns Siches    |  |                       |
| Manuel Iribarne         |  |                       |
| Nelson Werneck Sodré    |  |                       |
| Odilon Ribeiro Coutinho |  |                       |
| Oliveira Viana          |  |                       |
| Padre Antonio Vieira    |  |                       |
| Padre Manuel da Nóbrega |  |                       |
| Paulo de Almeida Campos |  |                       |
| Paulo Frederico Maciel  |  |                       |
| Peter Drucker           |  |                       |
| Ricardo Moura           |  |                       |
| Richard Livingstone     |  |                       |
| Roberto Moreira         |  |                       |
| Roland Corbisier        |  |                       |
| Seymour Martin Lipset   |  |                       |
| Simone Weill            |  |                       |
| Thiago de Mello         |  |                       |
| Thomas Hopkins          |  |                       |
| Tristão de Ataíde       |  |                       |
| Viana Moog              |  |                       |
| William Gray            |  |                       |
| Zevedei Barbu           |  |                       |

Fonte: Organizado pelos autores (2018)

As obras *Educação e atualidade brasileira* e *Educação como prática da liberdade* somam, juntas, oitenta e um (81) autores/as diferentes, dos quais setenta e dois (72) estarão ausentes em *Pedagogia do oprimido*. Comparando a relação de nomes entre as duas primeiras, percebe-se que há uma continuidade, com raras mudanças – ausências e novidades – entre a primeira e a segunda. Porém, o que se observa em relação à seguinte, *Pedagogia do oprimido*,

=====

é um radical movimento de transformação teórica implementado pelo autor. Cabe destacar que apenas nove (09) dos oitenta e um (81) nomes continuam presentes, sendo que um deles é do próprio Freire, portanto, somente dez por cento (10%) desses autores/as são mantidos/as como articulações teóricas. Nenhum dos autores personalistas, Emmanuel Mounier e Gabriel Marcel, presentes nas duas primeiras obras, sobretudo Marcel que se encontra em ambas, aparece em *Pedagogia do oprimido*. Da mesma forma, os nomes vinculados ao ISEB, antes referências amplamente encontradas, ficaram restritos a Álvaro Vieira Pinto, cuja presença continuará em grande parte dos escritos posteriores de Paulo Freire. Além das ausências destacadas, o contraste fica por conta das inserções inéditas de autores/as vinculados à dialética, ao materialismo histórico e dialético e à perspectiva revolucionária: Hegel, Marx e Engels, Memmi, Guevara, Lenin, Mao, Rosa Luxemburgo e outros.

A partir da constatação objetiva de que há no pensamento de Paulo Freire um processo de transformação, que alcança um novo patamar com a *Pedagogia do oprimido*, buscamos aprofundar a compreensão sobre as articulações que têm lugar nesse movimento. Como Freire articula outros referenciais que agrega para a elaboração de sua obra revolucionária? Em busca de respostas a essa indagação, avançamos com foco no processo de apropriação teórica e reflexiva, tramado por ele na *Pedagogia do oprimido*.

### 3 TRAMAS<sup>4</sup> DE UM PENSAMENTO POLÍTICO E PEDAGÓGICO REVOLUCIONÁRIO

Como afirma Scocuglia (1997, p. 58), a *Pedagogia do oprimido* demarca o “ponto de partida de uma elaboração teórica mais aprofundada, mais consistente e mais rigorosa – especialmente quanto à sua base de fundamentação socioeconômica e política”. Embora a análise desenvolvida por Freire em suas duas obras anteriores não ignore o contexto social e político brasileiro, é somente agora, na *Pedagogia do oprimido*, que essa compreensão de realidade se radicaliza. Sobretudo na compreensão que demonstra nutrir sobre as relações entre política e educação, quando um certo idealismo, confrontado pela trágica ruptura vivenciada com o Golpe de 1964, dá lugar à uma sólida visão crítica. Se nos escritos anteriores essa compreensão não tem tanta ênfase, ao sustentar que pela educação é possível desenvolver o

país e a sociedade, na *Pedagogia do oprimido* ela se criticiza pela incorporação de referenciais dialéticos, tanto marxianos quanto marxistas.

Elaborar uma pedagogia do oprimido emerge como alternativa à premissa estabelecida por Karl Marx (1900, p. 50) na terceira tese sobre Feuerbach: “A doutrina materialista de que os seres humanos são produtos das circunstâncias e da educação”, escreve ele, dimensionando a materialidade e o processo educativo como agentes da formação humana, permite compreender que os “seres humanos transformados são, portanto, produtos de outras circunstâncias e de uma educação mudada”. Essa educação mudada seria, na formulação freireana, a pedagogia *do* oprimido. Como Freire (1987, p. 40) mesmo explica, se nenhuma realidade consegue transformar a si mesma, portanto “a pedagogia do oprimido que, no fundo, é a pedagogia dos homens (sic) empenhando-se na luta por sua libertação, tem suas raízes aí”. A pedagogia *do* oprimido, como intervenção diretiva revolucionária e libertadora, responde a essa constatação, oferecendo caminhos que consideram a relação dialética entre subjetividade e objetividade em processos solidários.

A presença de correntes como o existencialismo, mantido desde as duas primeiras obras, se articula de forma mais atenta aos condicionantes ideológicos, direcionadores das várias formas da consciência. A dimensão coletiva das relações humanas em torno da liberdade, assentada no diálogo, defendida por Freire desde o primeiro escrito, agrega o conflito e se robustece, se adensa ao considerar a subjetividade como palco de luta. O desenvolvimento, carregado de certo liberalismo, dá lugar à transformação como processo elementar. Para isso, consolida uma concepção de história completamente diferente daquela antes nutrida, refletindo as muitas influências de Marx em seu pensamento. Freire sustenta que é a partir da compreensão da presença do passado na concretude da realidade atual, com todas as suas mazelas, que será possível lograr a libertação. Dessa maneira, percebe-se uma mudança em sua “visão possibilista”, segundo a qual a realidade está sendo construída, permanentemente, pela ação humana. A influência de Marx também se explicita quando Freire (1971, p. 15) reconhece que “os homens (sic) fazem a sua própria história, mas não a fazem arbitrariamente, nas condições escolhidas por eles, mas antes sob as condições diretamente herdadas e transmitidas pelo passado”.

O protagonismo histórico de influência marxista é instituído por Freire no processo educativo da *Pedagogia do oprimido* ao explicar que todos, na condição de sujeitos, ensinam e

=====

aprendem ao mesmo tempo. Aprender e ensinar são experiências fundamentais e inseparáveis, as quais se consolidam radicalmente ao serem protagonizadas por todos os participantes do processo educativo. E o movimento de libertação, para ser autêntico como processo histórico, necessita partir do protagonismo dos oprimidos. Portanto, tomando a ação educativa como referência, é imperativo que se rompam as posturas passivas do espectador, substituindo-as pelo protagonismo do sujeito que atua como ser em construção.

A articulação com o pensamento de Erich Fromm, psicanalista, filósofo e sociólogo alemão, permite a Freire encontrar amparo na análise sobre a dominação, com ênfase na unilateralidade da humanização que ela impõe: somente os opressores são humanos, os demais, apenas coisas. E coisas são passivas, não precisam nem devem atuar. A manutenção da condição humana como objeto conduz à frustração, expressão da contrariedade diante da forma de estar no mundo. Lembremos da negação da vocação humana para *ser mais*, afirmada pelo educador brasileiro. Uma vez negada, essa vocação gera uma frustração, como explica Fromm (1962, p. 146-147):

É de se presumir que o grau de destrutividade de cada indivíduo seja proporcional à intensidade com que sua vida foi tolhida. Não quero com isso referir-me às frustrações individuais de tal ou qual desejo instintivo, porém, à mutilação de sua vida inteira, ao bloqueio da espontaneidade do crescimento e da expansão das suas capacidades humanas sensuais, emocionais e intelectuais. A vida possui um dinamismo interior próprio, que tende a crescer, a expressar-se, a ser vivido. Assemelhasse-nos que se esta tendência for baldada, a energia voltada para a vida sofrerá um processo de decomposição, transmutando-se em energias voltadas para a destruição.

Negada a vocação, caracterizando uma vida não vivida, restará a frustração, a destrutividade de si mesmo e das outras pessoas. A partir de uma abordagem psicanalítica, muito bem apropriada por Freire (1987, p. 148), Fromm aponta mecanismos de fuga, entre os quais o mais adotado é a negação de si mesmo, quando o indivíduo “adota inteiramente o tipo de personalidade que lhe é oferecido pelos padrões culturais”, e se torna exatamente o que a sociedade espera que ele seja.

Como Frantz Fanon, Freire quer explicitar aos oprimidos que a situação de opressão também depende deles para se manter. A partir das obras anticolonialistas de Fanon *Os condenados da terra* (1961) e de Albert Memmi *O retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador* (1957), Freire compreende a dinâmica cruel da introjeção da cultura do opressor que o oprimido sofre. O oprimido é hospedeiro do opressor e sua consciência dominada, por si

mesma, não reúne condições de se libertar. Por isso, somente eles, os oprimidos, podem romper com a condição em que se encontram na sociedade, apoiados por processos educativos radicalmente libertadores. Porém, para que um processo com essas características seja possível, é necessário que as lideranças, que são políticas e pedagógicas, confiem no povo. É em Che Guevara, Fidel Castro, Rosa Luxemburgo, Camilo Torres e Mao Tsé-Tung que Freire (1987, p. 27, 79, 80, 85, 125, 134, 161, 163, 164, 168, 169) se inspira para fundamentar a sua confiança revolucionária, entendida como amorosidade, materializada na relação dialógica e pedagógica com as massas.

O sistema de exploração e submissão fora internalizado no psicológico do sujeito, que dele somente poderá se libertar se compreender e assumir ativamente a luta pela própria liberdade. Trata-se de um processo a ser provocado por dentro, jamais será autêntico se vier exclusivamente de fora do sujeito, como um *fazer para o outro*. Como Freire salienta (1987, p. 52), “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. É por isso que a reflexão crítica e os processos de conscientização se tornam inerentes à libertação.

Desde os seus primeiros escritos, Freire formula uma análise crítica da sociedade brasileira apoiando-se em referenciais como Álvaro Vieira Pinto (ideologia do desenvolvimento atrelada à educação do povo), Fernando de Azevedo e Gilberto Freyre (a herança colonial e a cultura da submissão consolidada com o apoio da educação jesuítica, verbalista). Dessa compreensão inicial, Paulo Freire parte, na *Pedagogia do oprimido*, para a proposição de caminhos revolucionários, embasado na compreensão da desigualdade social por meio da luta de classes, categoria marxiana. Opressores e oprimidos representam, na *Pedagogia*, duas classes em permanente antagonismo, pois a única “harmonia viável e constatada só pode ser a dos opressores entre si”, afirma Freire (1987, p. 141), classe formada por diferentes “que se unificam, imediatamente, ante uma ameaça à classe”.

Sua articulação sobre os níveis da consciência, fortemente apoiada em Álvaro Vieira Pinto, busca aprofundamento crítico em George Lukács. Amparado na obra *História e consciência de classe* (1923), Freire reelabora o olhar sobre as relações entre sociologia, política e filosofia a partir da reconstituição da teoria marxista da alienação, efetuada pelo filósofo húngaro. Essa é uma obra desenvolvida sobre algumas das principais categorias marxistas, tais como ideologia, falsa consciência, reificação e consciência de classe. As páginas 39, 40 e 161

=====

de *Pedagogia do oprimido* expressam a presença e a influência de Lukács no pensamento de Paulo Freire, precisamente na elaboração de alguns dos argumentos centrais da *Pedagogia*.

Também se observa a presença de Lucien Goldman, filósofo e sociólogo francês, discípulo de Lukács, nas reflexões de Freire (1987, p. 107) sobre a situação-limite, considerada como realidade concreta, quanto às exigências inerentes ao seu desvelamento. Com Goldman, Freire consegue delinear um caminho a ser trilhado pela consciência diante de uma *situação-limite*, cuja condição real (consciência real), limitada no contexto histórico, não permite a transição necessária em direção ao inédito viável. O propósito de Freire, amparado em Goldman, é que seja alcançada a *consciência possível*, condição atingida por meio da capacidade crítica e reflexiva diante da realidade. Tal movimento é alinhavado no cerne de um processo investigativo, desenvolvido na ação educativa libertadora, o que pode ser encontrado ao longo do capítulo três da *Pedagogia do oprimido*, intitulado “A dialogicidade – essência da educação como prática da liberdade”. Nesse capítulo, Freire (1987, p. 77) retoma a reflexão iniciada em *Educação como prática da liberdade* sobre o fundamento dialógico da educação, corporificado pela palavra, entendida não apenas como meio, e sim como práxis libertadora: “Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo”.

O existencialismo assumido desde *Educação e atualidade brasileira* e *Educação como prática da liberdade* é alargado pela articulação com as obras de Jean-Paul Sartre e Edmund Husserl. Com ambos, o pensamento de Freire aproxima a corrente existencialista da fenomenologia (o existencialismo de Sartre é fortemente influenciado pela fenomenologia de Husserl). Sartre, intelectual militante de forte atuação política e social, materializou um existencialismo revolucionário em relação aos valores burgueses, como explica Strathern (1999). Influenciado por Sartre, Freire robustece a compreensão de que são os próprios homens e mulheres os responsáveis por se tornarem aquilo que são, ou estão sendo. Portanto, são eles e elas que deverão transformar a própria existência, o que seria viável a partir da educação libertadora. Sobre a concepção de educação bancária caracterizada na *Pedagogia do oprimido* como ação de depositar conteúdos, Freire (1987, p. 63) estabelece uma analogia com a concepção digestiva do conhecimento, proposta por Sartre em *El hombre y las cosas*. Na sequência, ao discorrer sobre as relações entre consciência e mundo (p.70-71) a partir da obra



de Sartre, Freire chama Husserl para fundamentar a possibilidade de provocar mudanças na perspectiva dos sujeitos. Mudança que permitiria ver o antes não percebido, as *visões de fundo* que, embora sempre presentes, se mantinham despercebidas.

Outras tramas, aproximações e articulações teóricas poderiam ser identificadas em *Pedagogia do oprimido*, livro que pode ser visto como uma grande matriz teórica do pensamento pedagógico latino-americano. Seu caráter abrangente possibilita leituras diversas a partir de práticas e experiências educativas e de vida em contextos sociais, políticos e culturais diferentes, bem como a partir de interesses e pressupostos que orientam o leitor e a leitura. Essa abrangência, no entanto, não exclui a coerência interna da obra que a transforma em um lugar de encontro dialógico para educadores e educadoras comprometidos, como Paulo Freire afirma desde as primeiras páginas.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe, no encerramento deste exercício analítico, ressaltar que todas as tramas, aproximações e articulações teóricas devem ser vistas dentro do processo de elaboração reflexiva que acompanha Paulo Freire em sua trajetória como educador. A elaboração teórica sempre é reflexão de uma prática que, dada a sua “novidade”, por sua vez desafia a buscar e construir novos instrumentos para sua compreensão.

Por isso, um dos conceitos mais caros a Paulo Freire, presente desde a *Pedagogia do oprimido*, é o de “inédito viável”, expressão que identifica práticas educativas emergentes que apontam novos horizontes. O novo na pedagogia de Paulo Freire, conforme apontamos na análise, não é que ele tenha criado uma pedagogia para os pobres e oprimidos. Isso já se tem, por exemplo, em Pestalozzi e em Makarenko. O ineditismo está no fato de que se trata de uma pedagogia *do* oprimido, ou seja, gestada na prática com ele. E esse oprimido tem muitos rostos: o desempregado, o negro, a mulher, o índio, o sem-terra, o sem-teto, o trabalhador e a trabalhadora. Esse oprimido também se movimenta em diferentes espaços e de formas distintas. Talvez hoje seja mais apropriado falar em pedagogias dos/das oprimidos/as, no plural.

A *Pedagogia do oprimido*, como vimos, situa a educação como a dimensão pedagógica do processo de transformação da sociedade. Daí o seu caráter necessariamente revolucionário que se fundamenta em alguns princípios explicitados no livro e que nos desafiam para

=====

permanente recriação. Um deles tem a ver com a compreensão da história como possibilidade e não com um destino traçado desde sempre e para sempre. Ou seja, o mundo e a nossa sociedade podem ser diferentes. Somos seres condicionados pelas nossas circunstâncias históricas, econômicas, sociais e culturais, mas não somos determinados – como se presos a um passado.

O pensamento revolucionário de Freire se caracteriza pela radicalidade. Ele diferencia entre o radical e o sectário. O radical é aquele que procura ir à raiz dos fatos e compreender suas interconexões. Por isso ele pergunta, problematiza, não se contenta com respostas simplistas ou com repetições. O sectário, pelo contrário, fica na superfície das coisas. Não questiona o senso comum, toma partido julgando pelas aparências, seu mundo é feito de slogans e de verdades feitas. Por isso, é tão difícil – ou impossível – um verdadeiro diálogo com ele. O verdadeiro radical, pelo contrário, ao querer ir à raiz das coisas continua fazendo perguntas, sabendo da provisoriade de todas as verdades, suas e dos outros (a própria verdade se constitui como questionamento).

Outra característica do pensamento revolucionário de Freire é que essa radicalidade leva a perceber a diferença entre mudanças meramente paliativas e transformações mais profundas na estrutura da sociedade. Não se pode desmerecer medidas que melhorem a vida das pessoas, mas não se pode perder de vista aquilo que acreditamos ser uma sociedade justa, onde todos tenham direito a uma vida digna. Não é difícil perceber que estamos longe disso. Daí a necessidade da utopia como aquilo que nos dá a direção, que nos faz caminhar, agir e provoca a mobilização. Nas palavras de Freire (2000, p. 5), não se trata do “esperar na pura espera, porque o meu tempo de espera é um tempo de quefazer”. Estabelece-se, assim, uma relação dialética entre transformar a realidade e conhecê-la; entre consciência e mundo, ambos se transformando na ação.

Por fim, é importante destacar o peso simbólico de 2018, o cinquentenário da *Pedagogia do oprimido*. No mês de junho deste mesmo ano foi lembrada a rebelião dos jovens em maio de 1968, que por sinal é referida por Freire em extensa nota de rodapé em *Pedagogia do oprimido*. São também os 100 anos da Reforma de Córdoba (LA JUVENTUD, 2017) quando os universitários daquela universidade argentina se rebelaram com os métodos autoritários de ensino, o academicismo vazio e a distância da universidade em relação aos problemas da



sociedade. E são os 200 anos do nascimento de Karl Marx, que nos ajudou a ler e transformar o mundo na ótica dos oprimidos, anunciando que enquanto houver dominação e exclusão vão continuar surgindo pedagogias dos oprimidos.

=====

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO FREIRE, Ana Maria. **Paulo Freire: uma história de vida**. Indaiatuba, SP: Villa das Letras, 2005.

BARBOSA, Letícia Rameh. **Movimento de Cultura Popular: Impactos na sociedade pernambucana**. Recife: Ed. Do Autor, 2009.

BRAYNER, Flávio. O elixir da redenção. O movimento de Cultura Popular do Recife (1960-1964). In: BRAYNER, Flávio. **Para Além da educação popular**. Campinas: Mercado de Letras, 2018. P. 47-79.

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. São Paulo: Cortez Editora; Instituto Paulo Freire, 2002.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FOUCAULT, Michael. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Brasília: Unesco, 1996.

LA JUVENTUDED ARGENTINA DE CÓRDOBA A LOS HOMBRES LIBRES DE SUDAMÉRICA. Manifiesto de la Federación Universitaria de Córdoba, 21 de junio de 1918. In: IEC (Instituto de Estudios y Capacitación)/Conadu. **Nuevas bases para la reforma universitaria**. Buenos Aires: Octubre de 2017.

LAKE, Robert; KRESS, Tricia. **Paulo Freire's Intellectual Roots: Toward Historicity in Praxis**. London: Bloomsbury, 2013.

KRONBAUER, Gilberto Luís. Arqueologia da conscientização. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOLKI (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. Edição revista e ampliada. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 53-54.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Feurbach – a oposição entre as concepções materialista e idealista. Tradução Frank Müller. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.

MARX, Karl. **O 18 do Brumário de Louis Bonaparte**. Tradução Maria Teresa de Sousa. Coimbra: Editora Nosso Tempo, Gráfica Coimbra, 1971.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação Popular e Educação de Adultos: Contribuição à história da educação brasileira**. São Paulo: Loyola, 1973.

ROSAS, Paulo. **Fontes do pensamento de Paulo Freire**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2004.

SHAULL, Richard. Foreword. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogy of the Oppressed**. New York: Herder and Herder, 1972.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **A história das ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1997.

STRATHERNt, Paul. **Sartre em 90 minutos**. Tradução Marcus Penchel; consultoria, Danilo Marcondes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. Edição revista e ampliada. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

## Notas

<sup>1</sup> Partes da Introdução e da Conclusão constam na entrevista publicada na revista concedida por Danilo Streck a IHU On-line, Revista do Instituto Humanitas Unisinos, N. 529, Ano XVIII, 1/10/2018, p.8-13.

<sup>2</sup> Uso da expressão "arqueologia" não remete ao conceito de "Arqueologia do saber" do filósofo francês Michael Foucault que "não incita à busca de nenhum começo [...]. Ele designa o tema geral de uma descrição que interroga o já dito no nível de sua existência; da função enunciativa que nele se exerce, da formação discursiva a que pertence, do sistema geral de arquivo de que faz parte. A arqueologia descreve os discursos como práticas especificadas no elemento do arquivo" (FOUCAULT, 2008, p.149). Além do que, não temos como propósito tratar a "arqueologia" como um método de análise. Mais bem, a compreendemos como um movimento de exploração sistemática, desvelamento e compreensão das tramas entre o pensar teórico e o pensar epistêmico de Paulo Freire, a partir da sua biografia (KRONBAUER, 2018, p. 53). Ou seja, não estamos propondo a "arqueologia" como sendo um confronto a uma determinada compreensão da "história das ideias".

<sup>3</sup> Sobre o Movimento de Cultura Popular e sua influência na obra de Paulo Freire remetemos ao livro *Movimento de Cultura Popular: impacto na sociedade pernambucana* (BARBOSA, 2009), e ao capítulo *O Elixir da redenção. O Movimento da Cultura Popular do Recife (1960-1964)* (BRAYNER, 2018).

<sup>4</sup> A metáfora da trama é recorrente na autorreflexão sobre o desenvolvimento de sua obra, conforme verificamos na Pedagogia da esperança: "Um acontecimento, um fato, um feito, uma canção, um gesto, um poema, um livro se acham sempre envolvidos em densas tramas [...] Por isso é que a mim me interessou sempre muito mais a compreensão do processo em que e como as coisas se dão do que o produto em si" (FREIRE, 1992, p. 18).